

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Derli Mainart de Moura

**CONHECENDO A GIRAFÁ COM ATIVIDADES INTERDISCIPLINARES NUMA
TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Belo Horizonte
2015

Derli Mainart de Moura

**CONHECENDO A GIRAFÁ COM ATIVIDADES INTERDISCIPLINARES NUMA
TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação em Ciências, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Mairy Barbosa Loureiro dos Santos

Belo Horizonte

2015

Derli Mainart de Moura

**CONHECENDO A GIRAFA COM ATIVIDADES INTERDISCIPLINARES EM UMA
TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação em Ciências, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Mairy Loureiro Barbosa dos Santos

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Mairy Loureiro Barbosa dos Santos

Santer Matos – Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Este trabalho teve como meta a análise de situações de aprendizagem sobre os seres vivos em uma turma de Educação Infantil da Rede Municipal de Belo Horizonte. A análise foi baseada nas premissas de Vigotski sobre formação de conceitos. Foram abordadas as seguintes temáticas: Os seres vivos e o ambiente; a importância das interações; o papel da escola e do professor como mediadores no processo de aquisição e ampliação da linguagem; construção e evolução dos conceitos através de atividades investigativas.

Palavras-chave: Interações. Mediação. Girafa. Investigação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
1.1 Memorial.....	
1.2 Descrição da Escola.....	08
1.3 Perfil da Turma.....	
2. DESCRIÇÃO DO PLANO DE AÇÃO	09
2.1 Justificativa.....	
2.2 Objetivos Gerais.....	11
2.3 Objetivos Específicos.....	
2.4 Desenvolvimento das atividades.....	
2.5 Outras atividades.....	16
3. AVALIAÇÃO	21
4. ANÁLISE DA ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO	23
5. REFERENCIAL TEÓRICO	25
6. REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

1.1 Memorial

Formei-me professora em 1986, mas minha trajetória iniciou-se dezoito anos depois. Inscrevi-me no concurso para Educador Infantil na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte em 2004 e, nesse mesmo ano iniciei minha carreira docente. Fui nomeada em vinte e seis de junho e no dia dez de agosto tomei posse no cargo.

Passei algum tempo no CEI (Centro de Educação Infantil) no bairro Santa Efigênia e logo depois fui para a UMEI Caetano Furquim, que ainda não havia sido inaugurada. Preparamos a escola para receber os alunos e no dia 26 de outubro fizemos uma grande festa. Estava ansiosa e insegura, seria minha estreia numa sala de aula.

Minha primeira turma tinha dois anos. Era composta por dezesseis crianças, sendo duas delas de inclusão. Foi um ano tumultuado, a Educação Infantil era uma novidade na Rede Pública Municipal. No ano seguinte comecei meu trabalho com uma turma de 3 anos. Meus alunos, vinte ao todo, estavam também começando uma nova etapa em suas vidas. Foi uma experiência incrível, que parafraseando Dante Alighieri, dei o nome de “Choro e ranger de dentes”. Eram todas chorando ao mesmo tempo, eu sem conseguir e sem saber como fazer para acalantar. Definitivamente, não havia essa disciplina na minha formação.

Com o passar do tempo procurei me atualizar. Formei-me professora no ano de 1986, final de Ditadura Militar. Como consequência, alguns teóricos não fizeram parte da minha formação, dentre eles Vigostki, Paulo Freire, Emilia Ferreiro e outros tantos, uns por serem oriundos de países comunistas, outros por não terem seus estudos divulgados ou, talvez porque, naquela época, não se pensava a Educação com os mesmos parâmetros de hoje, com ênfase na aprendizagem mediada, construída e, muito menos pensando o aluno como sujeito de direitos. Muita coisa havia mudado desde então. Participei de várias formações, oferecidas pela PBH, dentre elas “Estudos Matemáticos”, textos sobre a infância e a trajetória da educação infantil, jogos e brincadeiras, e outros mais. Procurei também literatura específica. Essas estratégias me ajudaram

bastante, sem deixar de mencionar também o apoio das colegas de profissão que me ajudaram muito.

Durante nove anos trabalhei com crianças de várias idades. Identifiquei-me muito com as de final de ciclo da Educação Infantil, 5 anos e 8 meses.

No ano de 2007 iniciei minha graduação na Universidade Federal de Minas Gerais. Fiz o curso VEREDAS, também oferecido pela PBH. Foi um curso muito gratificante, onde a teoria foi uma aliada fundamental à minha prática. Percebi que a pesquisa e o aprofundamento nas temáticas pertinentes são essenciais para a prática do professor, e que esse não deve jamais deixar de estudar pois trata-se de uma profissão dinâmica e pulsante.

Foi também durante esse período que fiz diversos cursos de formação dentro da escola e que me ajudaram muito em sala de aula, dentre eles, Neurociências, Musicalização, Oficinas brincantes, Jogos Musicados. Conheci profissionais de extrema competência e que me inspiraram a ser cada vez mais comprometida com meu aprendizado, uma vez que minha qualidade profissional incide diretamente na vida de cada criança que passa por minha sala de aula. Fiz também um curso de Musicalização para Professores da Educação Básica com duração de um ano na Faculdade de Música da UFMG.

Foi interessante descobrir que música não é tão fácil assim. O curso ampliou meus conhecimentos e minha disposição para trabalhar esse recurso tão necessário, se não indispensável, mas tão específico.

No ano de 2011 comecei a trabalhar dois turnos. Passei a conviver com outras pessoas, escolas diferentes, formas diferenciadas de organização. Identifiquei-me com algumas delas, e com outras nem tanto. Descobri que cada escola é um universo diferente, assim como o de cada comunidade onde ela está inserida. Percebi com isso que cada criança tem uma história e trajetória próprias e que o respeito a diversidade é fundamental.

Durante esse tempo o que mais me chamou a atenção foi o fato de que a formação faz muita diferença. Descobri que cada professor é único, e que é dele a responsabilidade de buscar novos horizontes, novas experiências e novos rumos. Passei a entender várias linguagens, dentre elas a linguagem da brincadeira, onde cada criança se expressa da forma que lhe é peculiar.

A cada ano que passa me surpreendo com coisas novas, projetos diferenciados. Sinto-me cada vez mais a vontade dentro desse ambiente

educacional. Tenho procurado me informar sempre das novidades nas feiras de livros, nos congressos, nos seminários. Busco informações e publicações novas, descobertas e novas experiências.

As novas tecnologias surgiram também como aliadas do nosso trabalho. Através de publicações compartilhadas, projetos postados, estudos socializados, promoveram debates e abriram discussões importantes para o dia-a-dia da comunidade escolar.

Acredito que a formação, boas condições de trabalho e salário justo, são certamente indispensáveis a qualquer profissional. Por nossas mãos, passam todas as profissões do mundo. Serei sempre grata pela oportunidade de conviver num universo tão pulsante. Dentre os cursos oferecidos, o que mais me chamou a atenção foi Educação em Ciências, talvez pela vontade de experimentar algo novo, diferente do que já tinha estudado até então.

1.2 Descrição da escola

Trabalhei no ano de 2014 no turno da manhã, na Umei Marta Nair Monteiro, localizada na Vila Santa Rita, “Morro do Papagaio”, região centro-sul de Belo Horizonte. A escola está funcionando provisoriamente num prédio emprestado do Estado, pois a sede está passando por uma ampliação há mais de dois anos. As instalações são precárias, a arquitetura não possui adaptações, os sanitários não oferecem um mínimo de acessibilidade para crianças pequenas, as pias e bebedouros também não atendem às especificidades da faixa etária. Mas devido à transitoriedade da situação, é assim que tem funcionado.

1.3 Perfil da turma

Minha turma tem vinte e cinco crianças de 5 a 6 anos. A maioria delas frequentou o berçário da escola. São alegres, interessadas e demonstram prontidão para aprendizagem. Manifestam prazer nas atividades propostas e se empenham bastante em sua realização.

O trabalho desenvolvido é de fundamental importância, as crianças, no período em que estão na escola, estão protegidas da violência dos becos e ruas

da comunidade. Livres momentaneamente dos problemas causados por alcoolismo, drogas, doenças que acometem por vezes a própria família.

Tem alimentação 5 vezes ao dia, descanso, desenvolvendo atividades pedagógicas, assim como momentos de lazer, jogos, brincadeiras, música e interação com seus pares.

2. DESCRIÇÃO DO PLANO DE AÇÃO

Iniciei meus trabalhos com a turma em março/2014. Assim que cheguei, fui informada que seria professora referência da Turma da Girafa, e percebi que todas tinham nome de animais. Questionados sobre o motivo de terem escolhido esse nome, me disseram que era porque gostavam muito dele e o achavam muito elegante. Iniciamos então um projeto para descobrir mais sobre a girafa.

2.1 Justificativa:

Os animais têm uma importante presença no cotidiano das crianças, seja por meio dos desenhos animados, músicas, histórias e jogos, seja pelo caráter afetivo que desperta. Apesar disso, muitos detalhes lhes passam despercebidos sendo, muitas vezes, criados estereótipos e fantasias que não correspondem a suas verdadeiras características e comportamentos. Além da temática “animais” ser muito apreciada por crianças pequenas a partir dela é possível desenvolver uma série de conhecimentos e habilidades em ciências, tais como: identificação de características morfológicas e fisiológicas, comparações, classificações e, os cuidados para com os seres vivos. Na área das competências, as crianças estão na idade de explorar o mundo ao redor, fazendo observações e comentários ampliando seu vocabulário. O conhecimento sobre as girafas é próprio de livros, conversas, mídias e etc. Não se trata de um animal que elas convivam em seu dia-a-dia. Algumas delas nunca sequer viram uma girafa ao vivo.

De acordo com o Referencial Nacional Para a Educação Infantil os conteúdos conceituais referem-se à construção ativa das capacidades para operar com símbolos, ideias, imagens e representações que permitem atribuir sentido à realidade. Desde os conceitos mais simples até os mais complexos, a aprendizagem se dá por meio de um processo de constantes idas e vindas,

avanços e recuos nos quais as crianças constroem ideias provisórias, ampliam-nas e modificam-nas, aproximando-se gradualmente de conceitualizações cada vez mais precisas.

O conceito que uma criança faz do que seja um cachorro, por exemplo, depende das experiências que ela tem que envolvam seu contato com cachorros. Se num primeiro momento, ela pode, por exemplo, designar como “Au-Au” todo animal, fazendo uma generalização provisória, o acesso a uma nova informação, por exemplo, o fato de que gatos diferem de cachorros, permite-lhe reorganizar o conhecimento que possui e modificar a ideia que tem sobre o que é um cachorro. Esta conceitualização, ainda provisória, será suficiente por algum tempo — até o momento em que ela entrar em contato com um novo conhecimento.

Assim, deve-se ter claro que alguns conteúdos conceituais são possíveis de serem apropriados pelas crianças durante o período da educação infantil. Outros não, e estes necessitarão de mais tempo para que possam ser construídos. Isso significa dizer que muitos conteúdos serão trabalhados com o objetivo apenas de promover aproximações a um determinado conhecimento, de colaborar para elaboração de hipóteses e para a manifestação de formas originais de expressão. (RCNEI – Natureza e Sociedade – pág. 169)..

2.2 Objetivos gerais:

Com as atividades sobre a girafa pretendo analisar o desenvolvimento nas crianças de linguagem, observação, investigação, desenvolvimento motor e conhecimento sobre animais.

2.3 Objetivos específicos:

Conversar com as crianças: a importância dos animais, características, semelhanças, diferenças e hábitos, sons, habitat;

- Observar o registro das informações sobre a girafa – observações e investigações – leituras compartilhadas, diferentes gêneros textuais e a elaboração dos textos coletivos.

- Ampliar hipóteses de leitura/escrita, conhecer o Zoológico de Belo Horizonte, desenvolver a expressão corporal, mímica, ritmo, musicalização.;

2.4 Desenvolvimento das atividades:

No sentido de descobrir os conhecimentos prévios das crianças sobre o assunto, pedi a elas que fizessem um desenho de uma girafa. Dei o nome da atividade de “Primeiro desenho da girafa”.



Desenho do aluno Arthu



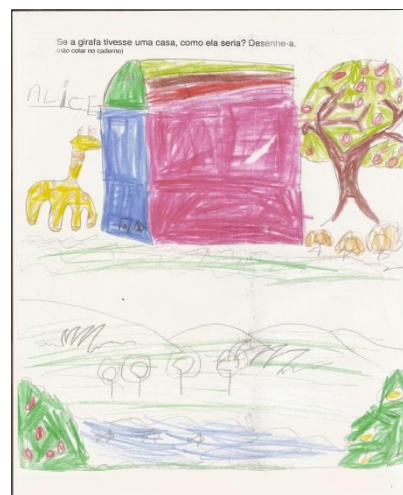
Desenho do aluno Wendel

Numa roda de conversa me contaram o que já sabiam sobre ele. Decidimos então fazer uma lista sobre o que eles já sabiam sobre ela; m uma roda de conversa as crianças me relataram o que já sabiam e logo depois fizemos também uma lista do que gostariam de descobrir:

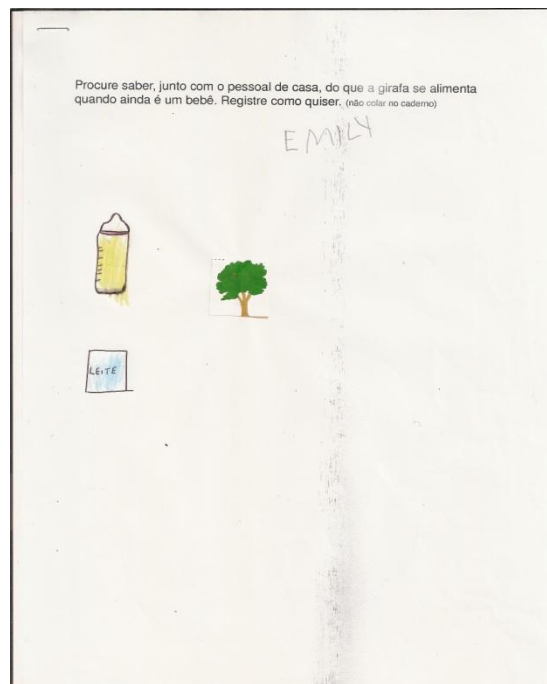
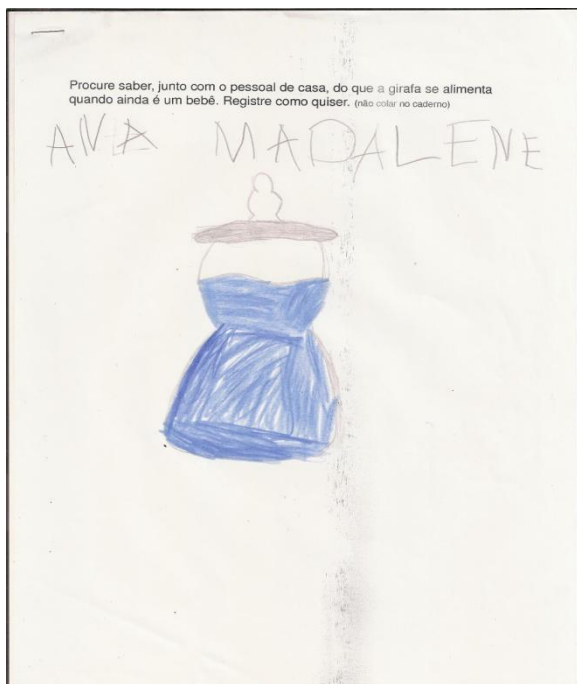
QUE SABEMOS SOBRE A GIRAFA	*O QUE QUEREMOS DESCOBRIR:
<ul style="list-style-type: none"> - “Eu acho que ela come hambúrguer e cachorro-quente” (Matheus) - “Ela come capim” – (Ester) - “Ela come folhas e flores”- (Arthur) - “Come grama” – (Heloisa) - “Ela quando é bem pequenininha come florzinha bebê também” – (Ester) - “Eu acho que ela come comida, arroz, feijão e carne” –(Lauanda) - “Tem o pescoço comprido, tem manchas marrons,tem a língua grande” – (Kauã) - “É alaranjada, é muito grande, mora no zoológico”. – (Keverson) 	<ul style="list-style-type: none"> - O que ela come - De onde ela vem - Porque seu pescoço é tão comprido? - Ela morde? - Que som ela emite? - Como é sua casa? - Girafa dorme? <p style="text-align: right; margin-top: 20px;">* Todos os tópicos foram levantados pelas crianças</p>

Como atividade pesquisa e levantamento de conhecimentos prévios das crianças e das famílias, enviei atividades para serem feitas por todos:

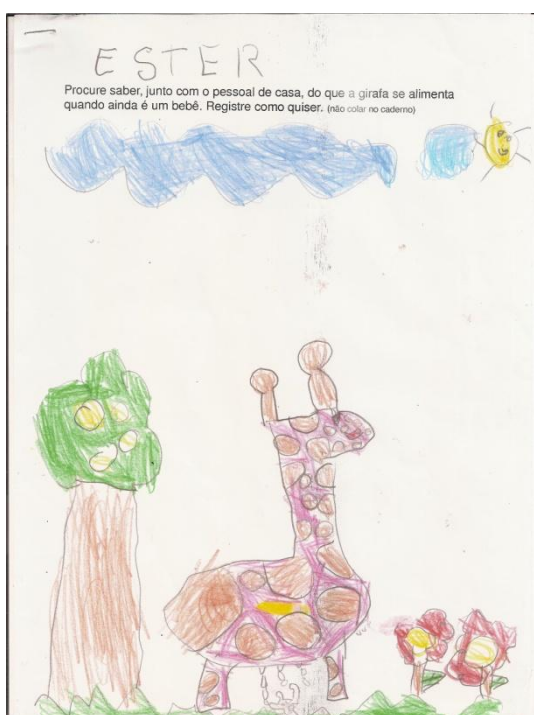
- 1 – Se a girafa tivesse uma casa, como ela seria? Registre como quiser.
- 2 – O que a girafa come quando ainda é um bebê?
- 3 – Pesquise sobre esse animal.



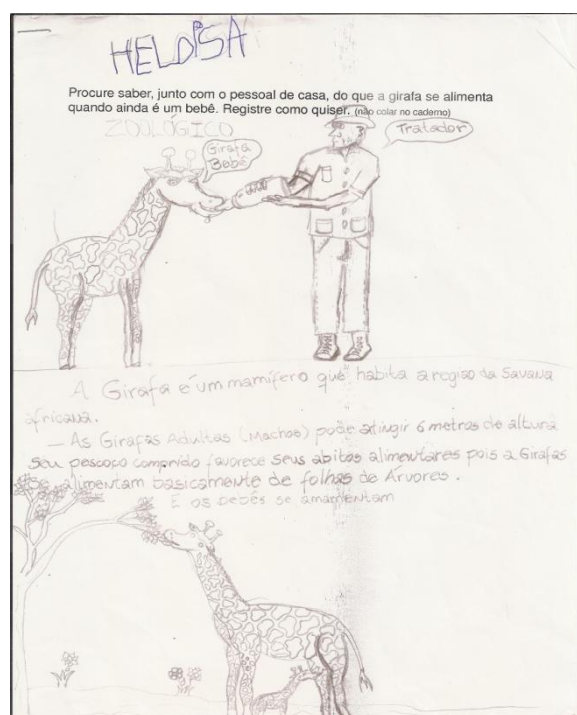
Desenho das crianças sobre a pergunta: se a girafa tivesse uma casa como ela seria?



Desenho das crianças sobre a pergunta: se a girafa tivesse uma casa como ela seria?



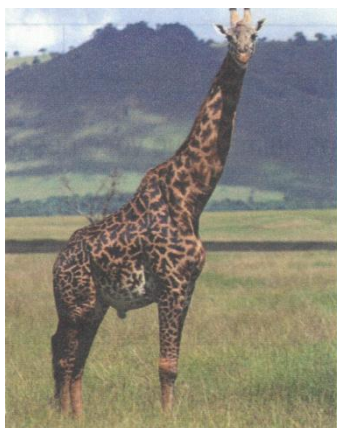
Desenho das crianças sobre a pergunta: tipo de alimento que a girafa come quando ainda é um bebê.



Desenho das crianças e das famílias sobre o O que a girafa come quando ainda é um bebê?

A cada atividade, íamos socializando os resultados na roda de conversa, que acontecia diariamente e, onde cada criança sentia-se responsável por transmitir aos colegas suas impressões e descobertas. Mostravam as pesquisas, geralmente feitas pelos pais, os desenhos feitos pelos irmãos, figuras encontradas juntamente com outras pessoas da família.

Tomavam para si o papel de professor da turma. Senti nesse momento que elas resignificavam seu papel na sala de aula. No decorrer dos dias as crianças começaram a trazer materiais mais extensos, mais ricos em detalhes e as famílias começaram a dar sinais de que estavam envolvidas com o trabalho dos filhos. Uma mãe de aluno me abordou uma manhã e me disse: “Professora, eu estou assustada com a girafa: ela demora mais de um ano para parir uma girafinha! Como será que ela aguenta?” Conversamos um pouco e eu disse a ela que também tinha ficado impressionada com a informação. Achei interessante e percebi que eu também não tinha conhecimento a respeito de muitas coisas sobre a girafa.



Existem outros animais que podem ter cerca de 5 metros de altura, como a girafa.

Girafa

Pesquisa das crianças com os familiares sobre a girafa



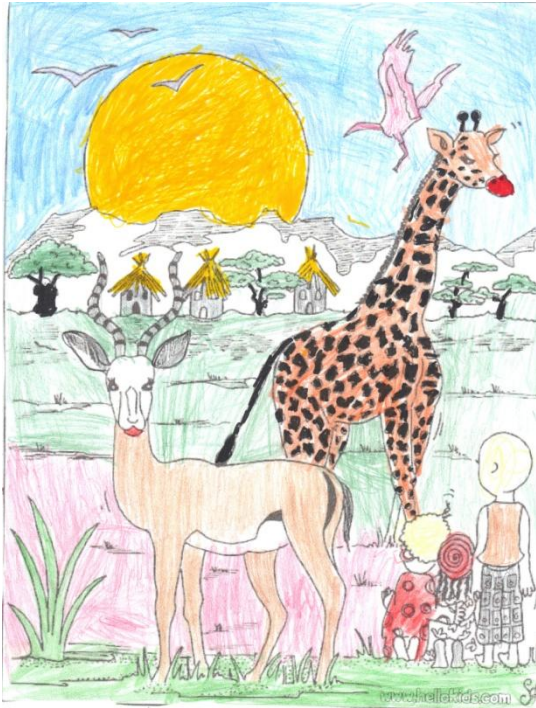
As girafas com certeza se destacam na multidão. Seja no zoológico ou no seu habitat natural na África central, elas são mais altas que os outros animais e são o segundo maior animal terrestre que existe hoje em dia (o elefante africano é o maior). O tamanho do pescoço da girafa intriga os observadores há anos. “Como foi que a girafa ficou com este pescoço tão longo?”, alguns perguntam.

Ao presenciar uma girafa de 3 metros de altura levantar seu pescoço de 2,5 metros até o limite e, então, somar outros 30 centímetros com sua língua comprida e gubosa, para pegar aquilo que parecia ser um galho fora do alcance no alto de uma árvore acalca, alguns podem acreditar que o processo de se esticar tenha levado ao processo de crescimento do pescoço da girafa. Mas, de fato, será que uma girafa é capaz de aumentar sua própria estatura?

Se uma característica tivesse mudado, isso não iria afetar o todo? Vamos considerar o caso da girafa.

A girafa é um mamífero; portanto, a maior parte de sua anatomia é semelhante a de outros mamíferos. Como a maioria dos outros mamíferos, a girafa tem sete ossos no pescoço. Mas, e se ela não tivesse sete ossos entre o corpo e a base do crânio? Bem, o pescoço curto do ser humano dá suporte para balancear perfeitamente a cabeça na postura ereta com muito pouco esforço. Já a cabeça grande da girafa precisa ser mantida no alto o tempo todo. Quando a girafa está em pé, metade dos seus músculos do pescoço (que pesam em torno de 225 Kg) estão tensionados. A quantidade de músculos necessários é diretamente ligada ao número de juntas que tem que ser suportadas. Se fossem reduzidas para apenas duas juntas, no crânio e no peito, seu peso iria reduzir consideravelmente e menos energia iria ser necessária para sobreviver. Se a diminuição dos alimentos disponíveis levou o pescoço a se transformar, a quantidade de ossos no pescoço e juntas não seria mutável também por esse processo de evolução? Claro que o problema com este design seria uma perda de flexibilidade e isso iria diminuir grandemente as chances de o pescoço se quebra caso a girafa recebesse uma pancada na cabeça ou no pescoço.

Pesquisa das crianças com os familiares sobre a girafa



Pesquisa das crianças com os familiares sobre a girafa



Girafa

Saiba mais sobre a Girafa, características, reprodução, alimentação, hábitat, tamanho, hábitos



Girafa, um mamífero típico das savanas africanas.

Classificação Científica:

Reino: Animalia
 Filo: Chordata
 Classe: Mammalia
 Ordem: Artiodactyla
 Superfamília: Giraffoidea
 Família: Giraffidae
 Gênero: Giraffa

Espécie: *G. camelopardalis*

Informações e características:

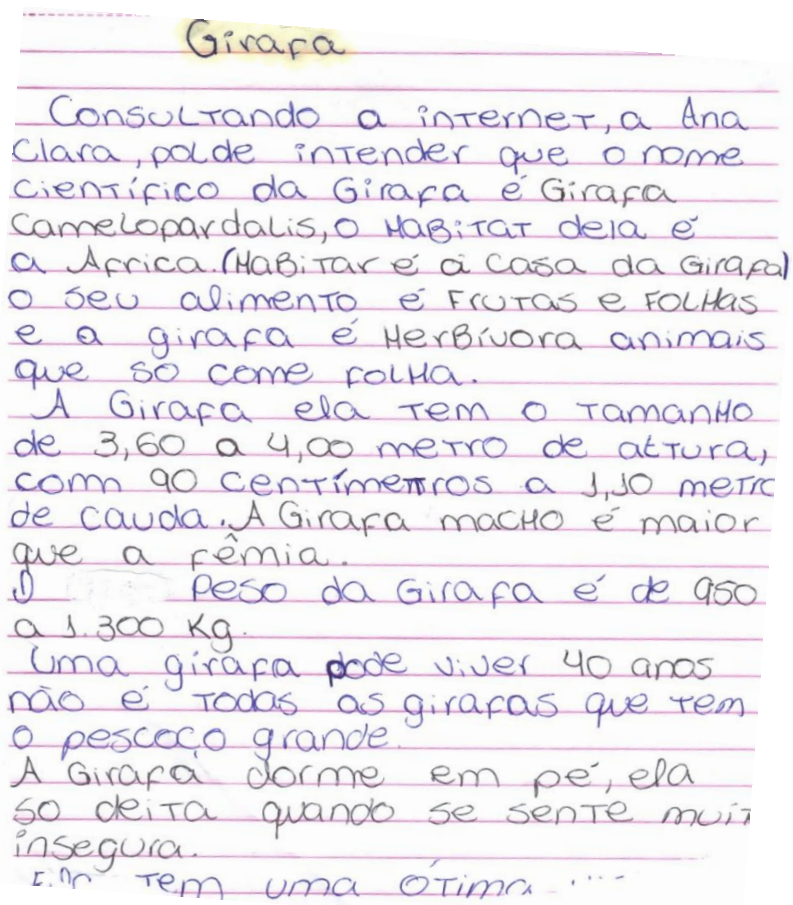
- A Girafa é um mamífero que habita a região da savana africana.
- As girafas adultas (machos) podem atingir a altura de 6 metros. Seu pescoço comprido favorece seus hábitos alimentares pois as girafas se alimentam basicamente de folhas de árvores. Com relação ao comprimento, atingem na fase adulta metros.
- Embora seja grande, a girafa é um animal bem rápido. Pode correr a uma velocidade de 45 km/h.
- Possuem de dois a quatro pequenos chifres que são cobertos por pele.
- O corpo das girafas é coberto por pelos de cor rosada ou alourado, com manchas de cor marrom.
- Um animal saudável vive, em média, de 15 a 20 anos.
- A gestação da fêmea dura de 420 a 450 dias. A girafa dá a luz a apenas um filhote por vez.
- As girafas emitem poucos sons e quando fazem é num tom muito baixo.
- Vivem em bandos (grupos) formados por poucos animais (de 5 a 10, em média).
- Passam grande parte do tempo comendo folhas das copas das árvores. Dormem, em média de 2 a 3 horas por dia.
- As principais espécies de girafas são: girafa-reticulada, girafa-angolana, girafa-masai, girafa-núbia e girafa-sul-africana.

Curiosidade:

- Os principais predadores das girafas adultas são os leões e leopardos. Já os filhotes de girafas são presas fáceis de leões, leopardos, hienas, crocodilos e cachorros-selvagens.

Pesquisa das crianças com os familiares sobre a girafa

Descrição de uma avó sobre a pesquisa feita por ela, aproximando sua fala para o entendimento da neta sobre a girafa.



Girafa

Consultando a internet, a Ana Clara, pode entender que o nome científico da Girafa é Girafa Camelopardalis, o Habitat dela é a África. (Habitat é a casa da Girafa) o seu alimento é Frutas e Folhas e a girafa é Herbívora animais que só come folha.

A Girafa ela tem o tamanho de 3,60 a 4,00 metro de altura, com 90 centímetros a 1,10 metro de cauda. A Girafa macho é maior que a fêmea.

O peso da Girafa é de 950 a 1.300 Kg.

Uma girafa pode viver 40 anos não é todas as girafas que tem o pescoço grande.

A Girafa dorme em pé, ela só deita quando se sente muito insegura.

Ela tem uma ótima...

2.5 Outras atividades:

Pesquisei alguns vídeos e levei para as crianças assistirem. Foi bastante interessante. As crianças adoraram e se sentiram impelidas a visitar o zoológico.

https://www.youtube.com/watch?v=uEDrf3z_Msk

Nesse episódio de Passeio Animal, vamos conhecer como a girafa se comporta, o que come, onde vive e outras curiosidades!

Vídeo sobre o zoológico de São Paulo, mostrando três fêmeas e um macho. O relato inclui: tamanho, habitat, nome científico, tempo de gestação, etc. Salientando o tamanho do pescoço da girafa, sua força e ainda sobre seus hábitos e várias outras curiosidades.

https://www.youtube.com/watch?v=7_yD_4SEoTo

Vídeo do zoológico de Belo Horizonte

“Se você algum dia foi ao zoológico e viu uma girafa, não deve ter deixado de reparar o grande pescoço do animal, atualmente, o mais alto da natureza. Será que o pescoço comprido representa alguma vantagem para as girafas?” (primeira questão do vídeo).

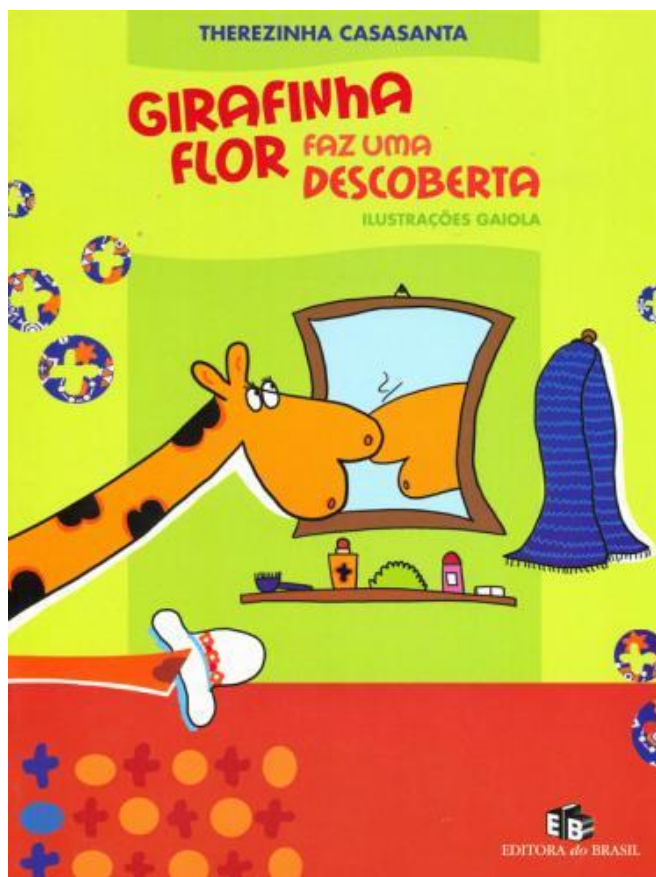
Relato da conversa com as crianças trabalhando sobre as hipóteses dos motivos do tamanho do pescoço da girafa:

Algumas ideias:

- “Para enxergar por cima das árvores”;
- “Para comer as frutas mais altas”;
- “Porque ela foi esticando muito e ficou grande”;
- “Porque ela é elegante”.

Contei a elas também uma história de uma girafinha muito linda de uma escritora mineira:

“Girafinha flor faz uma descoberta”



Depois pedi a elas que fizessem o registro da parte da história que mais gostaram.



Registro feito pelas crianças após ouvirem a história

Fomos construindo assim uma pasta coletiva sobre nossa mascote.

Pessoal de casa...!

HELOISA

Estamos trabalhando em nossas aulas a vida da girafa. Já descobrimos muitas coisas. Agora precisamos descobrir e registrar do nosso jeito, algumas coisas que ainda faltam. Vale colar figuras de revistas, desenhar, usar fotografias, etc. Usem a criatividade. Não é para colar no caderno pois essas atividades irão compor nossa pasta de atividades coletivas.

Abraços.

Turma da Girafa

An illustration of a giraffe with a yellow body and black spots, and a smaller giraffe with a brown body and white spots.

Registro da atividade 1



Registro da atividade 1

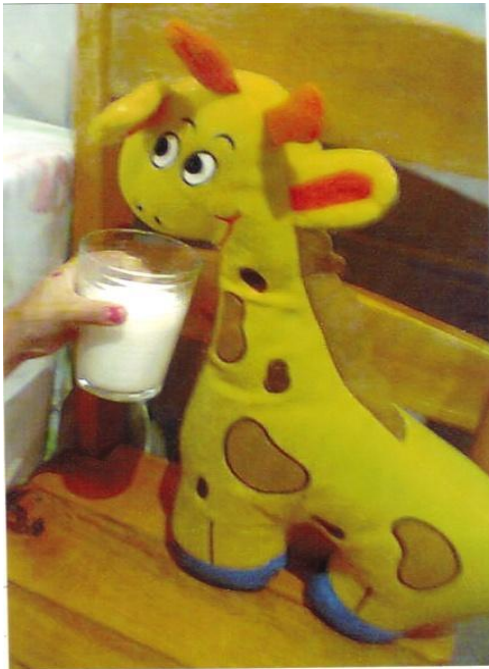


Foto enviada pela família da referente atividade 2

Procure saber, junto com o pessoal de casa, do que a girafa se alimenta quando ainda é um bebê. Registre como quiser. (não colar no caderno)



desenho da atividade 2

As crianças fizeram uma girafinha de material reciclado. Foram utilizados os materiais trazidos por elas como rolos de papel higiênico e de papel toalha, tintas de cores laranja, amarela, marrom, esponjas de vários tamanhos, papel marche. Durante essa atividade percebi que minha proposta de construção da girafa somente com material reciclado era tão difícil que nem eu dei conta de realizar. Estava cobrando das crianças habilidades que nem eu havia construído. Partimos então para outro modelo, onde utilizamos o desenho da parte da frente da girafa e a parte de trás, aproveitando o rolo de papel higiênico somente para funcionar como corpo da girafa.



material utilizado para a confecção da girafa

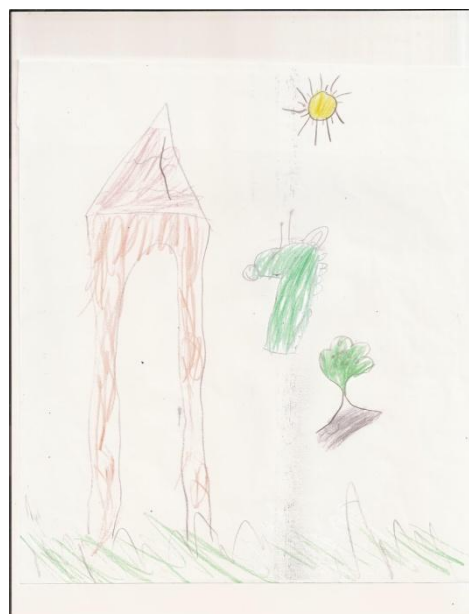


foto da criança confeccionando a girafa de papel

Fizemos uma visita ao zoológico e cada criança pode ver ou rever a girafa. Durante a visita fui observando os comentários comparativamente ao que tinham pesquisado com as famílias.



Desenho da visita ao zoológico



Desenho das crianças da visita ao zoológico

3. AVALIAÇÃO

Fizemos uma roda de conversa e finalizamos nosso projeto. Ouvindo o relato das crianças percebi que seu olhar foi ampliado em relação ao animal estudado, houve um aguçamento por novos conhecimentos e surgiram propostas de conhecermos outros animais selvagens.

“- O que nós aprendemos sobre a girafa?” - (Professora Derli)

-“Professora, eu aprendi que a girafa come folha e flor, e que ela gosta muito de acácia, e que ela bebe leite da mãe dela, mais que o pescoço dela é muito grande e que ela mata um leão com um coice” (Ana Madalene)

- “Eu aprendi, que ela mora num país bem longe, que chama África, e que tem algumas aqui no zoológico. E aprendi que o bebê da girafa mama no peito dela e por isso chama mamífero.” (Matheus)

-“Minha mãe disse que a girafa é muito elegante, mas eu disse pra ela que ela anda daquele jeito porque ela é muito grande.” (Kauã)

- “Professora, porque o leão fica querendo comer a girafa?” (Vinícius)

-“Porque ele fica com fome, né!” (Keverson)

- “O rabo da girafa é cabeludo, parece um chicote.” (Arthur)

- “A língua da girafa é muito grande, é azul e consegue segurar as folhinhas das árvores.” (Ester)

-“ Como é a casa da girafa?” - Derli

- “Tem árvore para ela comer as folhas e também tem grade pra ela não fugir”. – Keverson

- “É no zoológico, el sai do zoológico e depois vai passear e depois volta”. – Ana Madalene

- “A casa da girafa é grandona pra ela não ter que abaixar a cabeça quando ela entra”. – Ana Clara

- “É de madeira, tem porta, tem telhado”. – Ranielle

- “Não é de madeira não, é de árvore!” – Arthur

- “Qual é o alimento do bebê girafa? – Derli

- “Leite do peito”. – Ranielle

- “Ela deixa as pessoas pegarem uma folha da árvore e dar na boca dela”. – Anna Luiza

Comparação dos desenhos das crianças antes e depois das atividades:

ANTES DA INTERVENÇÃO	DEPOIS DA INTERVENÇÃO
<p>AKIOUR</p> 	
	
<p>ANAMADALEVEQ</p> 	<p>ANAMADALEVEQ</p> 
<p>MATHEUS</p> 	<p>MATHEUS</p> 

4. ANÁLISE DA ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO

O trabalho iniciou-se de forma comum, como tantos outros que já realizei com outras turmas. As crianças ficaram inicialmente muito animadas, demonstraram entusiasmo e muitas delas já conheciam, através de visitas ao zoológico, revistas, histórias, televisão ou cinema, sobre o tema abordado.

Com o passar do tempo, as atividades propostas tanto por mim quanto por eles foram se desenvolvendo de forma tranquila e entusiasmada. As famílias contribuíam com as pesquisas e nossas rodas de conversa duravam tempo suficiente para que todos dessem palpites, opiniões e relatassem como tinha sido o trabalho em casa no momento de sua realização.

Aos poucos fui percebendo que trabalhei com atividades demais, as crianças perderam um pouco do entusiasmo inicial e demonstraram cansaço e um pouco de desinteresse com o tema. Da mesma forma, as famílias também diminuíram suas contribuições. Com isso, perdi um pouco dos relatos das crianças e o trabalho demorou mais do que o tempo necessário para a observação a que tinha me proposto. Exagerei na quantidade de objetivos propostos e com isso acabei me perdendo quanto a intencionalidade.

Deixei a desejar no sentido de ampliação e inserção de outros temas pertinentes, que poderiam enriquecer o conhecimento de mundo das crianças. Poderia ter buscado outros trabalhos relacionados, contribuindo para uma melhoria no aprendizado.

Descobri também que esse projeto tinha desde sempre a pretensão de ser simples, e que eu estava tentando fazer com que ele fosse espetacular. Mas entendi, no decorrer do trabalho que, educar/ensinar/aprender é um processo mútuo, por isso destituído de grandes *flashs* e atuações teatrais.

A parte boa do projeto foi que algumas mudanças foram acontecendo na turma. Com o envolvimento das famílias, o comportamento das crianças melhorou muito. Elas tomaram conhecimento de possibilidades de aprendizado, notei o gosto com que elas apresentavam suas pesquisas na roda de conversa ali, sentadas no chão, vi crescer dentro delas um orgulho que antes não tinha percebido, vi seus olhos brilharem ao relatarem que seus pais buscaram na internet, no celular e até no

trabalho deles junto com os padrões, informações sobre nossa pesquisa. Apesar da simplicidade do tema.

As descobertas e a aprendizagem não aconteceram somente com as crianças, eu mesma não sabia muita coisa a respeito da girafa. Ampliei meus conhecimentos em relação ao meio ambiente e as interações dos seres vivos, mesmo tempo que ensinava, eu aprendia. O curso de pós-graduação teve um papel fundamental na condução do meu trabalho e da minha postura em sala de aula. Em toda minha vida, pensei e agi como aprendi: fornecendo respostas prontas, conceitos e definições para os estudantes sem que eles tivessem participação na construção deles.

Entendi que quando se participa da construção de um conceito, a mente se prepara e se torna pronta, sendo aumentada sua capacidade de aprendizado.

Descobri que o meu papel não era o de ensinar mas, mediar e contribuir para essa construção. Quando me propuser a trabalhar os temas em qualquer disciplina, pretendo, de agora em diante, ser mais objetiva quanto as intenções. Com esse trabalho consegui uma tranquilidade que nunca havia experimentado antes: a de saber que aprender é um processo que não se dá da noite para o dia, e que eu sou apenas mediadora, a maior parte fica por conta das interações, das descobertas e da curiosidade das crianças. De acordo com Paulo Freire: “Ensinar não é transferir conhecimento mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção (...) não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que as conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém... (FREIRE, 1998, p.25)

Segundo o filósofo e educador José Manuel Moran, um dos fundadores da Escola do Futuro, em 1989: “educar...é colaborar para que professores e alunos...transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional – do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e de trabalho e tornar-se cidadãos realizados e produtivos. Educamos de verdade quando aprendemos com cada coisa, pessoa ou ideia que vemos, ouvimos, sentimos, tocamos, experienciamos, lemos, compartilhamos

E sonhamos, quando aprendemos em todos os espaços em que vivemos – na família, na escola, no trabalho, no lazer, etc. Educamos aprendendo a integrar em sínteses o real e o imaginário, o presente e o passado olhando para o futuro, ciência, arte e técnica, razão e emoção.” (MORAN, 1989)

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Durante o trabalho usei como referência teórica a obra de Lev S. Vigotski, “Pensamento e Linguagem” (cap. 6, 1896-1934). Importante autor que estudou o desenvolvimento infantil, do pensamento e da linguagem e a formação e evolução de conceitos. Para ele, as interações sociais, adulto e criança e entre as crianças, são primordiais para o desenvolvimento cognitivo e psicológico do sujeito, já que os adultos são portadores de uma parte das mensagens culturais de sua cultura específica. Sua teoria de desenvolvimento se baseia em três pilares: suporte biológico, relação indivíduo e mundo exterior (relações sociais) e a mediação de instrumentos e signos (OLIVEIRA, 1997), dando uma grande ênfase ao papel das relações sociais para a constituição do significado para os objetos ao nosso redor. Segundo ele: “que acontece no cérebro da criança, aos conceitos científicos que lhe ensinam na escola?

Sabemos da simples observação que os conceitos se formam e desenvolvem em condições internas ou externas totalmente diferentes, consoante têm origem no que a criança aprende na sala de aulas ou na sua experiência pessoal. Nem sequer os motivos que movem a criança a formar os dois tipos de conceitos são os mesmos: o espírito defronta-se com problemas muito diversos quando assimila conceitos na escola e, quando é entregue aos seus próprios recursos. Quando transmitimos um conhecimento sistemático à criança, ensinamos-lhe muitas coisas que esta não pode ver ou experimentar diretamente. Como os conceitos científicos e os conceitos espontâneos diferem pela relação que estabelecem com a experiência da criança e pela atitude da criança relativamente aos seus objetos, será de esperar que sigam caminhos de desenvolvimento muito diferentes desde a sua gestação até a sua forma final.

Qual é a relação entre a assimilação da informação e o desenvolvimento interno de um conceito científico na consciência das crianças?

O estudo dos conceitos científicos enquanto tais, tem importantes implicações para a educação e a instrução. Embora os conceitos não sejam absorvidos já completamente formados, a instrução e a aprendizagem desempenham um papel predominante na sua aquisição. Descobrir a relação complexa entre a instrução e o desenvolvimento dos conceitos científicos é uma importante tarefa prática. (VIGOTSKI, *Pensamento e Linguagem*, cap. 6, pág. 86)

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (Coleção Leitura);

MORAN, J. M. **Caminhos para a aprendizagem inovadora**. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologiaseducacao/camin.pdf> (acesso: 07 fev 2015);

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**, ed. São Paulo, Martins Fontes, jan. 2008

NAVARRO, T. E. M., e DOMINGUES, C. R. C., **Desenhos palavras e borboletas na educação infantil: brincadeiras com as ideias no processo de significação sobre os seres vivos**. São Paulo: FEUSP, 2006. Tese de doutorado.

https://www.youtube.com/watch?v=uEDrf3z_Msk

https://www.youtube.com/watch?v=7_yD_4SEoTo

CASASANTA, THEREZINHA **Girafinha Flor faz uma descoberta**, Belo Horizonte, Editora do Brasil 2000

LIMA, M. E. C. C., e LOUREIRO, M. B., **Trilhas para ensinar Ciências para crianças**, ed. Fino Traço, Belo Horizonte, 2013